

## A PERCEPÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO NA ATIVIDADE TURÍSTICA E AS SUAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS NO DISTRITO FEDERAL – BRASIL

Msc. Ariádne Pedra Bittencourt (\*)  
Msc. Elisangela Aparecida Machado da Silva (\*)

### INTRODUÇÃO

O turismo desempenha a função de integração e desenvolvimento. Atua como indutor da atividade econômica e transformação do espaço urbano. É um eficiente meio para promover a difusão de informação e dos meios de transportes numa determinada região ou localidade, considerando os seus valores humanos, abrindo novas perspectivas sociais como resultado do desenvolvimento econômico, cultural e ambiental da região. Promove a criatividade em vários campos; estabelecendo os contatos culturais e estimulando o interesse pelas viagens turísticas e, por assim co-responsável pelo estabelecimento de uma nova dinâmica urbana. Para o desenvolvimento destas propostas é necessária a capacitação de recursos humanos e de infraestrutura, envolvendo o setor público, as empresas privadas, as instituições de ensino, os profissionais da área e o consumidor final - turista.

Assim, o objetivo do presente artigo é mostrar a evolução das atividades turísticas, verificar em que atividades profissionais estão inseridos os egressos do Curso de Turismo no mercado de trabalho do Distrito Federal e em que nível estes egressos estão tomando decisões, o que nos possibilitou uma melhor percepção do mercado turístico e sua interferência na reestruturação urbana local.

O turismo tem o compromisso efetivo de construir uma estrutura sólida, acessível e permanente, é preciso que esteja alicerçado em diretrizes coerentes com o mercado, tecnologicamente ajustada ao planejamento urbano, democraticamente discutidas e tecnicamente qualificadas, capazes de atender as necessidades das peculiaridades da cultura brasileira.

### O ESPAÇO URBANO E AS ATIVIDADES TURÍSTICAS NO DISTRITO FEDERAL

De acordo com CASTROGIOVANI & GASTAL (1999: 6) as cidades são espaços privilegiados quanto à concentração de atrações, serviços, simbolismos e produções culturais. O papel que assumem na etapa pós-industrial e da globalização econômica tem possibilitado um deslanchar de estruturas, equipamentos, serviços e de revitalização de áreas adormecidas, mas com grande expressividade na formação histórica dos lugares.

Pode-se classificar os tipos de turismo urbano como: turismo urbano cultural, turismo urbano recreativo, turismo urbano de negócios e eventos. Em qualquer um dos casos sempre é possível incrementar a oferta turística através de estudos e elaboração de planejamento e ordenação, com avaliação constante e progressiva dos novos movimentos na cidade. Daí estabelece-se uma estreita relação entre a urbanização e o turismo, fenômenos nem sempre lógicos e objetivos, ambos capazes de gerar resultados positivos e negativos.

As cidades modernas são complexas e procuram apresentar áreas com especificidades, que atendam às características individuais dos diversos grupos e atividades sócio-econômicas. Em que o papel do turismo, como atividade dinâmica, capitalista e globalizada, é a transformação do espaço produzido para atender as exigências das modernas tendências. Onde,

*“o território, ou seja, a configuração geográfica do espaço, é um produto que possui um valor relativo. O valor de consumo do território inserido no espaço atende às tendências do mercado e, nem sempre, às necessidades sociais.” (CASTROGIANNI, 1999:23)*

No Brasil é possível se constatar esta visão da cidade como produto de consumo para o turismo. Repensa-la é a necessidade de dar-lhe um novo *design*. Com esta intenção nas cidades com o turismo de “*sol e praia*” constata-se uma gradativa expulsão da comunidade de pescadores do litoral para o interior. Nas cidades com o turismo cultural, negócios e eventos as populações são ocultadas na periferia com pouca ou nenhuma infraestrutura, longe dos centros onde se concentram as atividades turísticas. Assim, os visitantes de uma cidade podem ter uma leitura e compreensão muito tênue daquilo que um determinado espaço urbano pode significar em termos de prazer cotidiano para os autóctones.

---

(\*) FTB - Faculdade da Terra de Brasília -Curso de Turismo

Em Brasília - DF, capital do Brasil, muito disso se constata, porém a necessidade de “maquiar” a cidade se esbarra ao tombamento da cidade como Patrimônio Histórico da Humanidade. Os atrativos do turismo urbano r estão respaldados pelos elementos da paisagem - céu bellissimo, o Lago Paranoá e a concentração de áreas verdes - que integram-se aos espaços construídos, de arquitetura moderna, arrojada e ímpar. Satisfazendo, assim, o movimento da vida pleiteado pelo turista.

O Distrito Federal brasileiro, conta hoje com 18 Regiões Administrativas (RA), com seus respectivos aglomerados urbanos (Figura 1). A cidade com maior atividade econômica e turística é Brasília - Plano Piloto - com amplo mercado de trabalho no setor público, turismo cívico, cultural, gastronômico e de eventos; seguida por Taguatinga com atividade comercial intensa e lazer noturno diversificado; as demais cidades satélites têm atividades econômicas pouco desenvolvidas e a grande maioria do contingente populacional trabalha e usufrui dos serviços no Plano Piloto – Brasília.

O mercado de Brasília trabalha com vários segmentos, conforme priorizados pela Secretaria de Turismo e Lazer do Distrito Federal<sup>1</sup>, como: Turismo de Eventos; Turismo Rural ou Agribusiness; Turismo Arquitetônico; Turismo Místico; Ecoturismo; Turismo Cívico e em especial o segmento de Agências de Viagens. Dentre as motivações de viagem declaradas pelos turistas<sup>2</sup> que vêm a Brasília, a de maior importância é a do turismo de negócio com 62%; seguido pelo turismo de convenções (eventos) 14%; turismo de lazer 4% e outros motivos 20%.

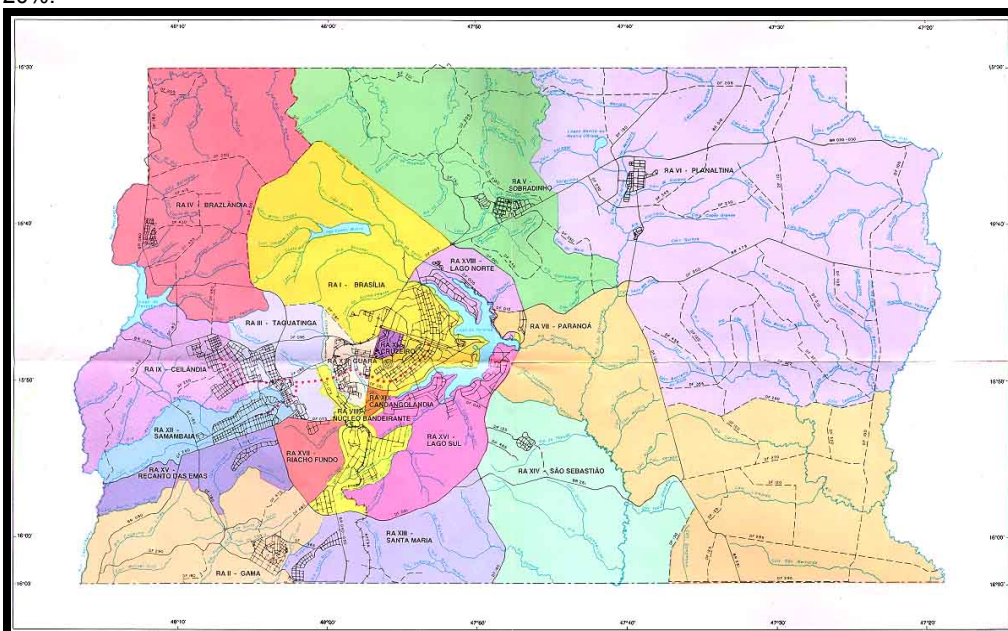


Figura 1 – Mapa das Regiões Administrativas de Brasília

Fonte: <http://www.civila.com/brasília/ra.jpg>

Apesar do Distrito Federal ter, aparentemente, uma representativa demanda turística, grande parcela do contingente populacional está disperso pelas Cidades Satélites e com baixo poder aquisitivo. Contraditoriamente, o número de atrativos para o turismo e lazer em Brasília, aumentou muito nos últimos anos. São estabelecimentos como bares, restaurantes e boates, primordiais para incentivar o turismo de negócio, eventos e lazer noturno; que não são permanentemente utilizados pela população de aproximadamente 2 milhões de habitantes nem pelos visitantes cansados de freqüentarem os mesmos locais.

Esta característica urbana e peculiar do Distrito Federal estimula o desenvolvimento nos autóctones, com poder aquisitivo, o desejo de extravasar, vivenciar, conhecer e explorar outros lugares diferentes do seu cotidiano. Este desejo junto a outras necessidades econômicas e sociais proporcionou o desenvolvimento do turismo rural no Distrito Federal, onde contraditoriamente, alguns estabelecimentos não se encontram inseridos em meio a paisagem rural, mas sim, em meio urbano. Daí ter se despertado para este segmento turístico, tendência marcante que será enfatizada no próximo item.

<sup>1</sup> Dados retirados do Planejamento Estratégico do Distrito Federal/1999 –Diagnóstico Setorial (pag.11-12)

<sup>2</sup> Pesquisa realizada pela Secretaria de Turismo e Lazer do DF em 1999

## ESPAÇO E TURISMO RURAL NO DISTRITO FEDERAL

A EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo, conceituou em 1998, turismo rural como um conjunto de atividades turísticas para o desenvolvimento no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, buscando resgatar o patrimônio cultural e natural das comunidades interioranas.

Meio a este conceito, frente ao desgaste e artificialidade do ambiente urbano, a proposta de desenvolver o turismo rural tenta preservar as raízes do homem do campo, resgatar a cultura e utilizar os recursos sustentavelmente. Tentando amenizar as dificuldades econômicas e sociais do meio rural.

Conceitualmente, o turismo é um empreendimento socialmente justo, pois melhora a qualidade de vida e as relações comunitárias, oferecendo novas oportunidades de trabalho e desenvolvimento. Ecologicamente correto, porque o uso dos recursos como a água, que através de técnicas adequadas pode ser renovada, reutilizada e protegida através da conservação da mata ciliar que pode ser utilizada como trilha ecológica. É economicamente viável, o retorno é garantido e a relação custo benefício é equilibrada.

Estas transformações no campo são reflexos de uma política nacional, e porque não global, para a produção agrícola que incentiva a monocultura para exportação. Com investimento financeiro viável e vantajoso para os grandes proprietários e cooperativas. Em detrimento dos pequenos e médios produtores que se vêm impossibilitados de adquirir e pagar os empréstimos às instituições financeiras. Assim, o turismo rural é uma alternativa viável, prática e de retorno garantido. Estimulado e incentivado tecnicamente, financeiramente e culturalmente pelo poder executivo, instituições públicas e privadas.

O Projeto de Turismo Rural do Distrito Federal foi implementado em 1996 pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Distrito Federal – SEBRAE/DF, com a participação do Sindicato Rural do Distrito Federal – SRDF e da Secretaria de Turismo do Distrito Federal – SETUR-DF, se constituiu em um dos importantes instrumentos que alavancaram o desenvolvimento desse segmento no DF, que contava na época com apenas 03 (três) propriedades desenvolvendo a atividade do turismo rural.

O Turismo Rural é o único produto considerado “acabado” do Distrito Federal, possível de ser colocado nas prateleiras das agências de turismo para ser comercializado. Demonstraremos abaixo alguns dados significativos deste segmento:

### Quadro 1 - Demonstrativo do Turismo Rural

Turismo Rural	Desenvolvimento
Empreendimentos no DF	60
Propriedades do Entorno do DF	34
Empregos Diretos	1.500
Crescimento nos Últimos 05(cinco) anos	480%

Como exemplo, desta nova mentalidade de desenvolvimento econômico no campo, podemos citar o empreendimento *Trem da Serra*. Restaurante rural, na cidade satélite de Sobradinho – DF. Onde se buscou aliar o turismo à prática de produção agropecuária verticalizada.

Os proprietários detectaram no desgaste da paisagem urbana e na neurose que o cotidiano provoca nas pessoas, um nicho do mercado. Uma demanda reprimida com desejos de resgatar as origens, vivenciar a paz e a tranquilidade do campo. Em meio a todos esses anseios, o resgate da memória cultural, esquecida em tempos modernos.

Desenvolveu-se um produto turístico, verdadeiramente rural e autenticamente agropecuário com atividades de lazer onde há a participação dos visitantes no processo de abate, plantio, colheita, prosa e outros. E também um restaurante, onde se pode saborear os pratos tradicionais feitos com ingredientes produzidos ali, e também comercializados pela comunidade local. Os resultados foram financeiros e apropriados ao manejo integrado sem desperdícios, com uso de tecnologia de baixo custo e produção integrada para o benefício rural. E o mais importante - a preservação do ambiente local. Antes de adotar a atividade turística, como outro ramo de atividade econômica, a empresa rural tinha um faturamento de R\$ 9.000,00 mês e quatro funcionários. Anos depois, segundo dados de 1999, o resultado financeiro foi R\$ 450.000,00 e o número de funcionários aumentou para 1.200. O interesse que despertou o proprietário deste empreendimento, foi o mesmo que envolveu outras propriedades rurais que surgiram nos últimos anos como atrativos turísticos do Distrito Federal.

Pesquisa recente (maio/2000) - *Síntese do Diagnóstico da Atividade do Turismo no Espaço Rural do Distrito Federal, Brasília, 2000* - feita pelo SEBRAE/UnB-Nucomp, investigou um universo de 34 (trinta e quatro) propriedades em funcionamento, representando mais de 90% da realidade dos empreendimentos rurais no Distrito Federal, onde identificou-se que: os empresários de turismo rural são, em maioria, pessoas que residem no DF há mais de 20 (vinte) anos e com tradição em desenvolver atividades agropecuárias. Possuem nível superior e vêem na atividade do turismo rural uma alternativa para aumentar a fonte de renda e agregar valor aos produtos produzidos nas propriedades.

A grande maioria das propriedades oferece diversas atividades traduzidas como atrativos ligados à natureza, ao esporte, à produção agropecuária, à história local, e à comida típica entre outras. Suas localizações estão ilustradas na Figura 2.

Quanto ao perfil do consumidor, a grande maioria é constituída por famílias, com pessoas predominantemente naturais do DF e com renda familiar acima de R\$2.000, (dois mil reais). A maioria dos entrevistados tem entre 20 a 40 anos. Cerca de 54% dos entrevistados possui nível superior.

Com estas atividades do turismo rural o espaço do Distrito Federal começa a ser alterado pela movimentação entre meio urbano e rural. As características das propriedades, da paisagem do bioma cerrado e as vias de acesso foram transformadas para atrair o viajante. O *design* que se dava aos pontos turísticos urbanos, agora se deslocam para o rural, constituindo uma nova fase de apropriação e imagem para o meio.

Na Figura 2 pode-se observar a proximidade das propriedades turísticas aos aglomerados urbanos. Estando algumas inseridas no meio urbano ou junto às rodovias, onde o tráfego urbano e rodoviário se confunde, peculiaridade do DF. Os aglomerados urbanos distam entre si de 5 a 20 Km, por estrada. Intervalo relativamente próximo se considerarmos que entre eles está o meio rural. Constata-se que a proximidade dos estabelecimentos à cidade é mais um motivo para o sucesso dos empreendimentos, pois diminui o tempo de deslocamento e os custos para o turista usufruir desta atividade.

Nas visitas às propriedades percebe-se, claramente, a pressão da especulação imobiliária sobre o espaço rural, seja na forma de pequenas chácaras de lazer ou através dos condomínios residenciais fechados. O questionamento que aqui se faz é até quando as propriedades de turismo rural irão resistir a pressão da urbanização sem planejamento e controle? Durante quanto tempo estes empreendimentos podem ser chamados de rurais? Como manter os ideais de preservação e sustentabilidade ambientais? Até quando servirão aos turistas como local de fuga do cotidiano urbano?

Pois estes empreendimentos, como dito anteriormente, são pautados na vontade e motivação de vivenciar espaços diferentes da realidade urbana e nos traços culturais que se revelam num ambiente rural. A pressão urbana sofrida por esses empreendimentos pode acabar por desfigura-los e provocar no local o *stress* e conseqüentemente a degradação ambiental, como já se presencia em algumas propriedades.

Desta forma o papel do Estado como planejador e incentivador do desenvolvimento econômico de todos os setores sociais é controlar o desenvolvimento deste ramo de negócio. Interferindo principalmente na apropriação territorial, que no caso do DF está acarretando problemas ambientais, políticos e jurídicos, além dos sociais. E incentivar a formação de profissionais capacitados e comprometidos. A atividade turística inclui-se aí a rural, é caracterizada como 2ª maior fonte de renda mundial, a ela esta agregada oferta de trabalho direto e indireto constituindo, assim, um grande seguimento que não pode continuar relegado, freqüentemente, à segundo plano em nosso país. Assumir a responsabilidade de planejar, controlar e pensar o turismo como atividade economicamente sustentável, é um nível alto de responsabilidade com o Brasil e com o mundo. Estabelecer este tipo de alicerce é dar a esta atividade a visão de prioridade do ponto de vista econômico, social, cultural e ambiental é um grande compromisso das entidades formadoras destes profissionais que versão o desenvolvimento sustentável. Porém, segundo a referida pesquisa do SEBRAE/UnB-Nucomp no DF, os principais problemas levantados foram; a baixa qualidade no atendimento, precariedade de infra-estrutura, falta de capacitação do empresário, falta de divulgação, ou, melhor dizendo, falta de gestão turística.

Constitui-se, assim, no DF um segmento do mercado turístico em franca ascensão – os cursos superiores em instituições particulares. Preocupados com a quantidade e qualidade dos estabelecimentos de ensino do turismo, foi feito um estudo que aponta a quantidade e a qualidade dos profissionais egressos dos cursos, em que um dos aspectos salientados é a formação de recursos humanos que estão comprometidos pela carência de docentes capacitados para o magistério nas disciplinas específicas do setor e, também, pela falta de

titulação dos mesmos. Que não é uma peculiaridade brasileira, mas também um panorama que se estende aos países do Cone Sul (Paraguai, Uruguai, Argentina e Chile).

## **CRESCIMENTO DOS CURSOS DE TURISMO NO BRASIL E NO DISTRITO FEDERAL**

A habilitação única em Turismo é relativamente recente no país. O curso superior de Turismo começou a existir através do parecer n°. 35/71 do Ministério da Educação, feito pelo relator Conselheiro Roberto Siqueira Santos e aprovado em 28 de janeiro de 1971. Esse parecer deu base à Resolução sem número de 29 de janeiro de 1971 do Conselho Federal de Educação que fixou o conteúdo mínimo e a duração do curso superior de turismo. O bacharelado em turismo no Brasil denotou uma opção da sociedade brasileira por desenvolver o turismo de forma planejada, estimulando a formação acadêmica do profissional destinado a atuar nos diversos campos deste sistema.

Sabe-se que existe, atualmente, um número aproximado de 400 (quatrocentas) instituições de ensino superior em turismo em todo o país, sendo que apenas 145 são registradas pelo Ministério de Educação – MEC (maio/2000). Este aumento de forma expressiva nos últimos anos é uma tendência natural num mercado que vê no setor de serviços o mais promissor para a economia no próximo milênio, principalmente nos países em desenvolvimento, em especial o caso de Brasília - Brasil.

Segundo publicações recentes da Embratur<sup>3</sup>, o ensino, tanto de turismo como de outras áreas, pode ser dividido em: “superior – de graduação (formação de profissionais de nível universitário) e de pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) e lato sensu (especialização e aperfeiçoamento) - cursos técnicos (alguns equivalentes ao 2º grau e outros exigindo o 2º grau completo como pré-requisito, procuram a formação tecno-profissional dos seus alunos para que atuem na área). Entre estes se destaca o curso técnico de guia de turismo, credenciado pela Embratur e os cursos livres dirigidos às necessidades de formação, treinamento, atualização e aperfeiçoamento de recursos humanos na área (hotelaria, agência de viagens, restaurantes, empresas de eventos, etc) que não requerem credenciamento oficial, apresentando planejamento diversificado e tipologia não padronizada”.<sup>4</sup>

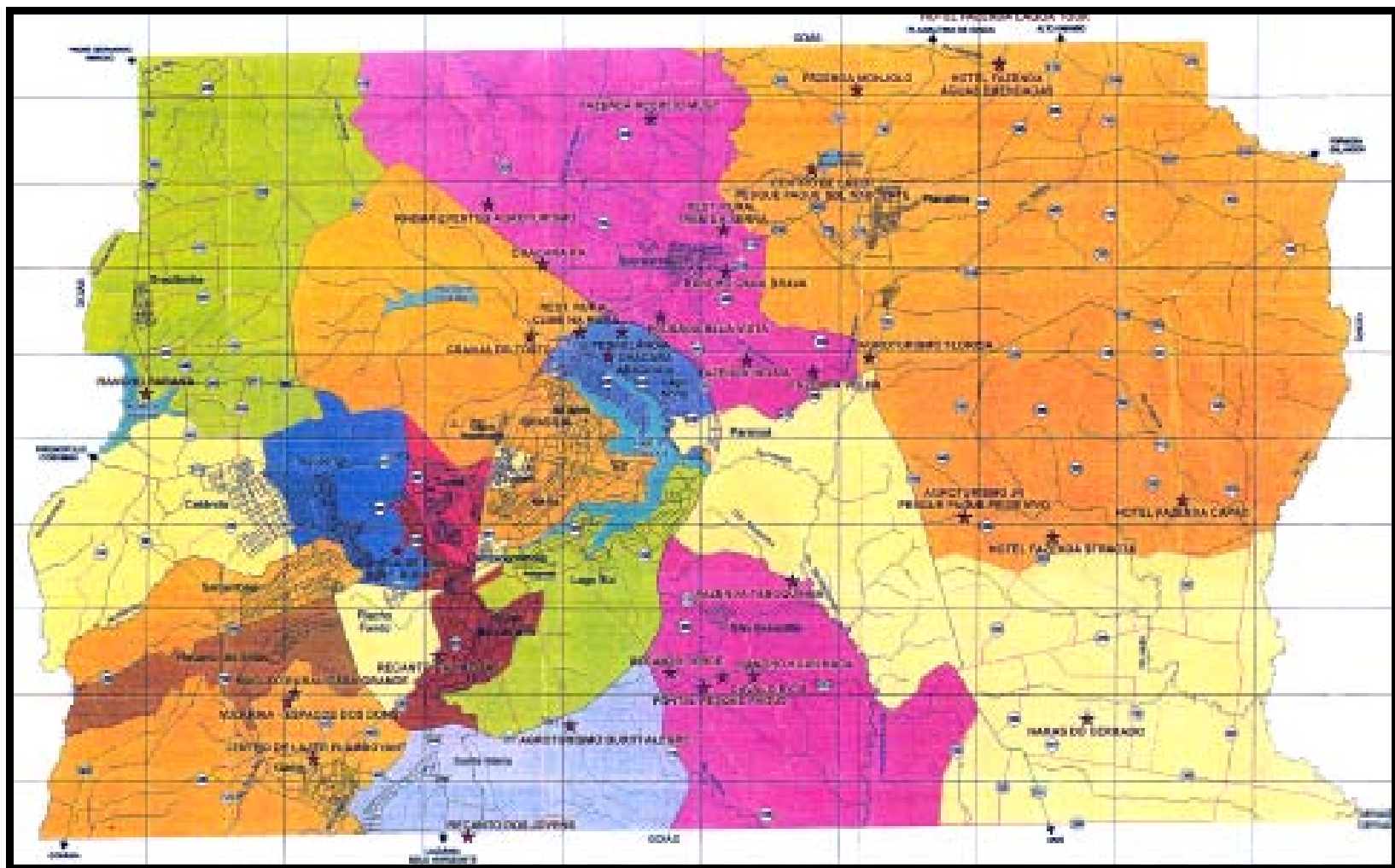
As avaliações de várias instituições (MEC, EMBRATUR, SENAC, entre outros), vinculadas às atividades de turismo, evidenciaram uma realidade precária quanto à formação e capacitação de recursos humanos na área de turismo no Brasil. Na maioria dos cursos técnicos e livres, o acesso dos interessados limita-se apenas à divulgação de folhetos com programações, folders ou informações verbais. Observa-se, portanto, a precariedade neste segmento.

Com o aumento quantitativo de cursos de graduação em turismo, a qualidade dos cursos passa a ser questionada e o preenchimento de suas vagas poderá ser comprometido. O quadro cronológico apresentado abaixo identifica o crescimento rápido de faculdades autorizadas a abrirem cursos de turismo no Distrito Federal.

---

<sup>3</sup> Estudo do Turismo Brasileiro/Set-99

<sup>4</sup> Estudos do Turismo Brasileiro –Condições e Perspectivas do Mercado de Trabalho no Setor do Turismo. P-172



□ Propriedades rurais

Figura 2 – Localização das propriedades com turismo rural no DF  
Guia Do turismo rural – Distrito Federal e Região metropolitana, SEBRAE - 1998

Quadro 2 - Cronologia da abertura dos cursos de graduação em Turismo no DF\*\*

Ano de Início do Curso	Faculdades	Proposta Profissional (diferencial)	NºVagas por Semestre	Turnos
1973	União Pioneira de Integração Social – UPIS	Planejamento, ênfase prática da vida real	50	Noturno
1999	Centro de Ensino Superior Unificado de Brasília – CESUBRA	Aula prática, voltada para Hotelaria e Agenciamento	100	Noturno
1999	Instituto de Educação Superior de Brasília – IESB	Aula prática voltada para Hotelaria e Agenciamento	50 50	Matutino Noturno
1999	Faculdade da Terra de Brasília - FTB	Ativa-participativa (“mão na massa”), ênfase em Ecoturismo	50	Matutino Noturno
2000	Instituto de Educação Superior de Brasília – IESB	Administração em Hotelaria	50 50	Diurno Noturno
2000	Faculdade Euro-Americana *	Profissional Generalista	50 50	Vespertino Noturno
2000	Universidade Paulista - UNIP	Aula prática com ênfase em Hotelaria, Agenciamento, Lazer e Eventos	100	Noturno
2000	Centro Universitário de Brasília – UNICEUB	Profissional Generalista	50	Vespertino
2000/2001	Faculdade Cenecista	Ênfase em Gestão do Turismo de Negócios, Eventos e Lazer	50	Noturno
2000	Centro Educacional Horacina Catta Preta –CECAP	Ênfase em Empresas de Turismo	40	Noturno
2000	Faculdade Caiçaras	Profissional Generalista	50	Noturno

Fonte: Levantamento in loco/2000.

\*Aprovado, mas ainda não autorizado pelo MEC.

\*\*OBS: A partir de 2001 Brasília será a sede de mais 03(três) cursos de nível superior em turismo, informações cedidas pela Embratur/2000.

Cabe observar que os cursos de pós-graduação em turismo passam a ter uma acentuada procura e este será um diferencial para o profissional no mercado. Veja o Quadro 3 que mostra a quantidade de cursos e a oferta de vagas.

Quadro 3 - Cursos de Latu-sensu e Strito-sensu no DF

Ano de Início do Curso	Entidade	Área de Concentração	Nº de Alunos	Tipo
1998	ULAC-Universidade Latina Americana e do Caribe	Gestão do Turismo e Meio Ambiente	23	Stricto sensu (mestrado)
1999	Universidade de Brasília – UNB	Gestão e Marketing do Turismo (Habilitação para Docência no Ensino Superior)	45 <sup>5</sup>	Lato sensu (especialização)
2000	Universidade de Brasília – UNB	Política e Gestão Ambiental	15	Stricto sensu (mestrado)
2000	Universidade Católica de Brasília	Planejamento e Gestão Ambiental	20	Stricto sensu (mestrado)
	Universidade Católica de Brasília	Turismo, Planejamento, Gestão e Marketing	-	Lato sensu* (especialização)
2000	União Pioneira de Integração Social – UPIS	Ecoturismo	25	Lato sensu (especialização)

<sup>5</sup> Noventa (90), alunos distribuídos em duas (02) turmas no período noturno.

OBS: O Centro de Excelência em Turismo (CET) da Universidade de Brasília, para o ano 2000, estará gerindo cursos de extensão (turismo místico, turismo cívico e turismo cultural) e aperfeiçoamento de Docentes para o Ensino em turismo.

\*Educação à distância ainda não é reconhecida pelo MEC.

Os cursos técnicos<sup>6</sup> atendem apenas em parte à demanda de serviços específicos que o setor requer (não preparam para a atuação eficaz) e seus empresários recorrem ao treinamento interno na própria empresa para suprir seus quadros operacionais.

Durante 20 (vinte) anos, a UPIS lançou, no mercado do Distrito Federal, um total de 635 bacharéis na área de turismo, e nos próximos 05(cinco) anos, as diversas faculdades já citadas no Quadro 2, terão lançado no mercado aproximadamente 800(oitocentos) egressos de turismo para serem absorvidos pelo mercado local.

O desafio é, formar profissionais capazes de entender a totalidade do processo e intervir nele criativamente, e que ao mesmo tempo esteja apto ao conhecimento de alguns dos aspectos da atividade turística, considerando as características da pós-modernidade dos especialistas.

Portanto, a educação aplicada ao contexto do turismo precisa da abrangência dos conhecimentos gerais formando profissionais capazes de interpretar os problemas da sociedade atual, que saibam aprender a aprender, que busquem o conhecimento continuamente, permitindo uma visão eclética, mas podendo atender as especificidades do mercado, através de sua segmentação, possibilitando assim formarmos um sistema curricular integrado entre escola e empresa.

Assim, caracterizamos, a partir deste momento, pontos relevantes obtidos a partir da pesquisa com que nos possibilitou algumas considerações:

- A faixa etária predominante nos cursos de nível superior em turismo, 34,25% (20 a 25 anos) e 27,40% (26 a 30 anos), e o estado civil, 30% (solteiros) e 18,57%(casados), permitem-nos concluir que os cursos de graduação em turismo são na grande maioria freqüentados por adolescentes e jovens. Daí a importância de termos projetos pedagógicos bem estruturados, permitindo maior diversidade no campo de atuação que refletirá na escolha sensata da área de atuação futura, e melhor aproveitamento prático, possibilitando ainda um amadurecimento pessoal e profissional do corpo discente.
- A atividade econômica do turismo no DF absorverá também um número significativo de mulheres em funções gerenciais ou de comando. Os dados da pesquisa realizada com os egressos de turismo identificam que 15,28% dos egressos são do gênero masculino e 84,72% egressos são do gênero feminino.
- Cabe observar que o profissional egresso de turismo, ainda enquanto estudante, tem possibilidades correspondentes a 77,46% de colocar na prática a sua teorização, permitindo contextualizar o campo teórico na prática.
- 55,71% dos egressos do curso de turismo foram aceitos no mercado de trabalho, observando ainda que 60% desses profissionais permaneceram de 2 a 4 anos em média no emprego. Tem-se 44,07% dos egressos com relação direta entre a sua formação acadêmica e sua área profissional.
- A abertura e a confiabilidade do mercado de trabalho no DF abriu-se aos egressos de turismo só ocorreu nos últimos 2(dois) anos, conforme evidencia a pesquisa, a iniciativa privada (que corresponde a um índice de 52,46% e a pública, 47,54%) têm absorvido quase que com igualdade esses profissionais.
- Um dado preocupante diz respeito ao nível de decisão tomada pelo egresso de turismo nos diversos setores do mercado. Um índice de (27,91%) está atuando em atividades de nível médio e funções administrativas<sup>7</sup> e atividades auxiliares (16,28%). Percebemos que a sua formação superior não possibilitou atuar em decisões gerenciais e em outras instâncias.
- Por ser uma característica de Brasília o custo de vida alto, sua faixa salarial também é correspondente a esta própria situação, 35,59% ganham entre 7 e 10 S.M. e 18,64% ganham acima de 10 S.M.
- Quanto à relevância do curso, 65,75% dos egressos buscaram esta profissão como possibilidade de realização pessoal e também pela “prospecção” do mercado para a área.
- Para 13,70% afirmam não terem sido atendidas as expectativas em relação ao curso, para 46,58% foram atendidas parcialmente e 39,72% dizem terem sido atendidas. Apesar dos percentuais apresentados, 86,30% dos entrevistados dos egressos recomendariam o curso de turismo a outros.
- Considero como um dado fundamental para análise o questionamento sobre as vantagens que o diploma de turismo oferece. Em escala de prioridade, o diploma contribui para a

<sup>6</sup> Número insuficiente de cursos técnicos para atender a demanda do mercado.

<sup>7</sup> Atividades que não requerem nível superior



maior realização profissional de 42,47% dos entrevistados, melhor acesso ao mercado de trabalho para 27,40%, e para 10,96% dos entrevistados a obtenção do certificado não garantiu nenhuma mudança significativa.

- Observa-se, ainda, que 79,45% dos egressos buscam continuamente atividades de extensão, e apenas 10,91% buscam a formação em pós-graduação (destes 75% optaram por lato sensu e 25% por stricto sensu).
- Significativamente 71,83% dos egressos não fazem parte de sua entidade de classe.

Os dados da pesquisa, aqui referenciados, permitem traçar algumas considerações positivas e outras negativas em relação ao mercado de trabalho do Distrito Federal, tanto em relação à sua capacitação, quanto em relação à inserção.

A primeira relação é quanto ao número de faculdades entrando no mercado do Distrito Federal até o ano 2001. A continuidade da relação causa e efeito, tratado anteriormente, evidencia o despreparo de docentes para assumir esta expansão tão representativa. Estes dados, mais uma vez, ratificam e evidenciam a falta de proporcionalidade entre a formação de docentes e a quantidade de abertura de cursos de nível superior em turismo no DF, bem como no Brasil. Em contrapartida, temos que pensar o mercado promissor que é o DF, haja vista a expansão do turismo rural, e as diversas oportunidades que o mercado consumidor terá daqui para frente com a ampliação dos diversos segmentos do turismo e, conseqüentemente, uma melhor preparação da mão-de-obra.

Segundo, a proximidade das grades curriculares dos diversos cursos de turismo e a falta de concentração em determinadas áreas evidenciam a falta de diversificação das ênfases e, o que é ainda mais preocupante, a falta de análise do mercado no tocante à mão-de-obra qualificada e específica. É necessária uma colocação apropriada desses profissionais no mercado, considerando suas habilidades e qualificações nas diversas empresas. É importante possibilitar uma visão generalista ao profissional (conhecimentos gerais, culturais e éticos), mas buscar também as especificidades de cada segmento do turismo, ou seja, considerar a segmentação de áreas do sistema do turismo, como por exemplo a atividade rural.

Acompanhar a dinâmica de mudança própria do “mundo sem fronteiras” e adequar continuamente as grades curriculares são condições fundamentais para os cursos de turismo, caso contrário, se tornarão obsoletos em um espaço de tempo curto.

Por outro lado, observa-se que em Brasília concentra-se atrativos particulares e únicos no contexto do turismo nacional. A representatividade nacional e internacional de Brasília, como centro de poder nacional, é concatenada por uma infra-estrutura adequada com uma qualidade de vida privilegiada. E ainda, centraliza como referencial a sede do Instituto Brasileiro de Turismo - Embratur, o Ministério do Esporte e Turismo, a Subcomissão de Turismo e a Frente Parlamentar de Turismo, entre outras entidades representativas. Entretanto, observa-se que os currículos da maioria dos cursos de turismo no DF são eminentemente regionais facilitando a formação de mão-de-obra para os segmentos do mercado local, mas impossibilitando ou dificultando a formação para o mercado nacional ou internacional.

A situação profissional dos graduados em turismo no Brasil, em particular no DF é preocupante, pois congrega vários pontos delicados como: profissão não regulamentada, excessivo número de graduados no mercado, mercado de trabalho restrito para funções de nível superior, graduados que podem estar exercendo funções de nível técnico, atuação empresarial incipiente entre outras.

Em terceiro, faz-se necessária também, a preocupação com a qualidade dos cursos hoje inseridos no mercado, pois os egressos poderão sair com o diploma legalmente reconhecido, mas desprovido de valor para o mercado.

Observamos que no Distrito Federal, a inserção quantitativa e significativa da mão-de-obra qualificada no mercado se refletirá em uma oferta maior que a demanda, permitindo ao mercado novas reflexões no que tange ao processo seletivo, buscando quesitos de maior capacitação e qualificação técnica, exigência básica do domínio de mais de um idioma, experiência na área, desempenho eficaz, engajamento na missão da empresa e uma constante atualização. O fator remuneração poderá ser um quesito de especulação do mercado. Na era do conhecimento, não faltará a avaliação da inteligência competitiva e emocional.

É importante enfatizar que a competição chegou na vida acadêmica e isso é salutar e benéfico para o crescimento de todos, pois os desafios são inúmeros.

O turismo faz parte de uma realidade na qual a mudança é um aspecto primordial, nada pode ser estático no turismo, como não o é no espaço geográfico, e a partir desta premissa observamos então uma magnífica abertura para a atuação do egresso em turismo e nas diversas alternativas que podem ser geradas a partir do desdobramento de algumas atividades latentes, como por exemplo no segmento rural/urbano.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O turismo faz parte de uma realidade na qual a mudança é um aspecto primordial, nada pode ser estático no turismo. Podemos afirmar, com total confiança que com o processo da globalização, o turismo, a cultura, a comunicação, as tecnologias, entre outras áreas, não têm mais fronteiras, mas que se referenciam ao tempo como marco divisor.

Devemos compreendê-lo como um processo definido por um conjunto de ações que se realiza de modo contínuo, visando resultados que interessam aos atores urbanos. E por que não também rurais? Implicam em mudanças no âmbito social e econômico que resultam em contradições internas, alterando a estrutura em movimento contínuo de transformação. Com a dinâmica do espaço urbano/rural, os egressos em turismo devem estar aptos à conhecer, reconhecer e acompanhar o processo de globalização, transformação, informação e reestruturação locacional, pautados nas diferenças conferidas ao espaço, sejam elas culturais, sociais, ambientais, econômicas e/ou políticas.

Com a segmentação no mercado de trabalho, as áreas de atuação do profissional de turismo cada vez se fragmentam e aprofundam mais. Faz-se necessário salientar que o Brasil é um país que se presta, como poucos, para a adoção de uma estratégia segmentativa, pois sua potencialidade turística é suficientemente ampla e bastante heterogênea em quase todos os estados brasileiros. Para segmentar o mercado turístico, é necessário perceber as suas diferenças naturais e culturais, seus valores regionais, as diferenças de poder aquisitivo de sua população e as facilidades de acesso aos seus diversos destinos, entre outros.

Por isso não podemos mais aceitar o nosso modelo curricular referencial adotado que forma um profissional "ecclético" generalista, que pode atuar tanto na área operacional ou técnica, ou na de pesquisa, ou científica. A tendência é a exigência de maior escolaridade, de novos requisitos de qualificação relacionados à capacidade de abstração, pensamento lógico, destreza, rapidez, confiabilidade e desempenho de tarefas variadas.

Neste contexto é de fundamental importância avaliar Brasília como cenário potencial para o destino de intercâmbio no segmento turístico, aproveitando, obviamente, as diversas tendências do mercado e sua vocação nos diversos segmentos: de eventos, místico, rural, cívico, entre outras potencialidades existentes.

O estudo do turismo, em todos os níveis, mas principalmente no superior, cuja tendência é ser mais voltado à teoria, precisa ser reestruturado, porque é no profissional de turismo que se deposita a mais alta responsabilidade de se alcançarem as metas econômicas, sem promover a destituição do meio ambiente natural e cultural. O turismo auto-sustentado tem sido a grande preocupação observada nos discursos governamentais.

O que garantirá e legitimará o espaço no mercado ao profissional de turismo não são atitudes paternalistas e privilegiadas, de reserva de mercado ou protecionistas, e sim uma formação sólida, ética e um constante aperfeiçoamento das habilidades e competências, e também a seriedade profissional, estabelecendo limites e respondendo pelos seus direitos e responsabilidades, além de ser co-responsável pela reestruturação espacial.

## BIBLIOGRAFIA

- ANSARAH, Marília Gomes Reis. Turismo: segmentação de mercado. São Paulo: Futura, 1999.
- BARRETO, Margarita. Manual de iniciação ao estudo do turismo. Campinas: Papirus, 1995.
- BENI, M.C. Análise estrutural do turismo. São Paulo: Senac, 1998.
- BITTENCOURT, Ariádne Pedra, NEGREIROS, Cláudia Valeria Sousa e WATANABE, Romilda Massae. Estudo diagnóstico: agenciamento e operação do turismo no âmbito do Distrito Federal. Brasília: UPIS, 1999. (Mimeogr.)
- CASTROGIOVANI, A. C. & GASTAL, S.(Org.) Turismo Urbano: sites de exitação turística. Porto Alegre: Edição dos autores, 1999.
- DISTRITO FEDERAL. "Turismo é Prioridade". Jornal da Câmara dos Deputados, Brasília-DF, 01/12/99, p.1.
- DISTRITO FEDERAL. Plano estratégico de turismo: políticas, estratégias e programas 1999-2002. Brasília-DF, Secretaria de Turismo e Lazer do Distrito Federal, 1999.
- EMBRATUR, Instituto Brasileiro de Turismo. Estudos do turismo brasileiro. São Paulo-SP: Terragraph, 1999.
- \_\_\_\_\_/IBAMA. Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo. Brasília-DF, 1994.
- GODOTTI, Moacir. Histórias das idéias pedagógicas. São Paulo: Ática, 1993.
- IGNARRA, Luis Renato. Fundamentos do turismo. São Paulo: Pioneira, 1998.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Modelo de Enquadramento das Novas Diretrizes Curriculares. Brasília-DF, 1998.
- MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, DO COMÉRCIO E DO TURISMO/EMBRATUR. Turismo rural: manual operacional, Brasília, 1994.
- \_\_\_\_\_. Política Nacional de Turismo. Brasília-DF, 1996.
- MONTEJANO, Jordi Montaner. Estructura Del Mercado Turístico. Madri: Sintesis, 1996.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. Planejamento para o desenvolvimento do turismo sustentável municipal, Madri, 1994.
- PETROCCHI, Mario. Turismo, planejamento e gestão. São Paulo: Futura, 1998, p. 75-80.
- PUDDU, G.L. Lo que se espera del turismo para la década de los 90. São Paulo: AMFORT/ECA-USP, 1991.
- RUSCHMANN, Dóris V. M. & REJOWSKI, Miriam. Turismo e Planejamento Sustentável – a proteção do meio ambiente. Campinas. SP: Papirus, 1997.
- SEBRE/SECTUR. Guia do turismo rural – Distrito Federal e Região Metropolitana. Brasília, 1998.
- SEBRAE/NUCOMP-UNB. Síntese do diagnóstico da atividade do turismo no espaço rural do Distrito Federal: Perfil do Empresário, da Propriedade e do Consumidor. Brasília, 2000. (inédito)
- THEOBALD, Willian F.(org.). Global tourism – The next decade. Oxford:Buttlerworth-Heinemann, 1994.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. A Importância da Educação para o turismo. Visão e Ação. São Paulo, 2000, p. 244 – 255.
- \_\_\_\_\_. A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- ZUCHIWSCHI, José. Avaliação diagnóstica do curso de turismo da UPIS: Discrição e Percepção. Brasília-DF, Curso de Avaliação à Distância da Cátedra UNESCO de Educação à Distância – Faculdade de Educação e Universidade de Brasília- UNB, 1998. (monografia)